

A CARTA DE TOLOSA - PARTE III (FINAL)

14 aula

META

Passar a parte final da carta do missionário Tolosa, para conhecimento do mundo do jesuíta Gaspar Lourenço.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá explicar o universo cultural dos missionários jesuítas que vieram a Sergipe no século XVI.

PRÉ-REQUISITOS

Ter estudado e assimilado o conteúdo das três lições anteriores.



Crata de Tolosa parte III (Fonte: <http://www.iaracaju.infonet.com.br>).

Caro aluno e querida aluna: aqui apresentamos a parte final de um dos mais belos documentos remanescentes da época das missões jesuítas em Sergipe. Nesta terceira parte, espero que você analise como o mundo de pertencimento de Gaspar

INTRODUÇÃO

Lourenço pode ser avaliado nos seus detalhes, a partir da narrativa de Tolosa. Um texto vivo, lavrado no dia-a-dia daqueles legítimos aventureiros da fé.



Jesuíta escrevendo (Fonte: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt>).

Vamos interpretar mais quatro aspectos da Carta de Tolosa. Seguiremos o mesmo caminho apresentado nos textos anteriores. Destacaremos pontos da Carta relacionados à compreensão do discurso jesuíta como edificante e como documento importante na compreensão das relações de poder onde os jesuítas estavam imersos na década de 1570.

CARTAS JESUÍTAS

Reforcemos o que falamos anteriormente sobre o sucesso da missão jesuíta nas margens do Rio Real e adjacências. Tolosa aponta o avanço da missão de Gaspar Lourenço e João Solônio. Estes missionários são apontados com incansáveis soldados da fé, indo de aldeia a aldeia enfrentando perigos. Diz Tolosa que Lourenço encera a conversão da aldeia de S. Thomé e passa a visitar as aldeias comarcans. Direciona-se mais ao norte do Estado em direção ao rio São Francisco. O trecho da carta revela as dificuldades enfrentadas pelos missionários ao se dirigir para nova área da catequese. As dificuldades apresentadas foram: montanhas com penhascos, ervas que cortavam as pernas, muita água gerando atoleiros, falta de mantimento.

A nova missão – em direção ao São Francisco - estava localizada nas terras do “principal” Surubi, situada a dez ou doze léguas de S. Thomé. Inicialmente Surubi fora apresentado como um selvagem que poderia matar o padre. Mas, em seguida, ele aparece como um bom anfitrião, conjuntamente com toda a tribo. Esta imagem do principal e da aldeia que recebem os missionários é mais um sutil esforço de Tolosa em propagandear o sucesso da missão dos jesuítas nas terras de Sergipe.

Há um trecho na carta que os missionários passam a ser vistos como perseguidores do seu ideal e, sobretudo, destemidos ao chegar às terras do temido Surubi. O escrito demonstra explicitamente o seu contentamento com essa etapa da missão de Lourenço. Indo diretamente a carta, citada abaixo, você perceberá esse contentamento de Tolosa.

A missão prossegue em outras aldeias. Segundo Tolosa, em algumas forem bem acolhidos e em outras “não fizeram bom rosto”. As cenas de resistências se multiplicaram. Os missionários recebe-

ram notícias de que alguns principais poderiam ‘quebra sua cabeça’ caso entrasse na aldeia. Mas, em meio a todo o perigo, os missionários conseguiram construir a terceira igreja da missão: a de S. Pedro.

A missão prossegue mais ainda. Lourenço retorna a igreja de S. Thomé e também é convidado para fazer outras igrejas em outras aldeias. Diz Tolosa que o convite foi feito pelos índios que antes não aceitavam a presença dos missionários em suas aldeias. Foram eles, de igual forma, bem recebidos.

CARTA DE TOLOSA - PARTE 3

Depois de haver o padre convertido a aldeia de S. Thomé e a gente pacífica, passou a visitar as aldeias comarcans, onde ha tanto tempo havia que o desejavam; passavam em estes caminhos grandes trabalhos, por ser por montanhas em terras muito fragosas. Passaram por algumas partes que as hervas os cortavam as pernas, e não podiam andar calçados por haver muitas águas e atoleiros. (1)

Acontecia-lhes ir mais de meia légua por um arroyo que os dava a agua, as vezes do joelho, acrescentava-se a isto a falta de mantimentos especialmente que a quaresma os obrigava a jejuar, a comida não era mais que bananas e farinha molhada em água, pimenta, e por fructa tinham alguns caranguejos que os índios traziam seis léguas d’ali.

Foi esta partida mui contra a vontade dos Índios desta aldeia, e com grande sentimento, todos a uma boca diziam e pregavam pela aldeia: vae o padre morrer, preparemos-nos para vingar a morte; isto diziam pelo temor que tinham de Surubi, mas o padre confiado na graça de Deus começou seu caminho sem querer levar ninguém da aldeia, senão só seu companheiro, o que foi maior espanto.

A primeira aldeia onde entrou foi a do Surubi que está dez ou doze léguas de S. Thomé, por muito ruim caminho; foram mui bem recebidos e apresentados em a casa do Surubi e os padres estiveram um grande espaço em pé diante elle, que estava deitado em sua rede sem falar-lhes uma só palavra.

E até que depois mandou os dessem alguma cousa para comer e foram quatro espigas de milho: parece que aguardava que o padre começasse a pratica, e os ajuntasse a todos que lhes dêsse razão de sua vinda, a que fez o padre; depois, começou pela manhã a pregar-lhes as cousas de sua salvação; e como vinha a dar remédios às suas almas e acabou depois do meio dia. Ficaram contentes e todos a uma vez, disseram que folgavam muito com sua vinda e que queriam igreja. E assim logo ao outro dia começaram a cortar madeira para ella, e os mais honrados eram os primeiros a carregar a trazer-a às costas até o mesmo Surubi e assim em breve tempo a acabaram, porque a cobertura era de palha que há muito por aquellas partes e é a da invocação do glorioso S. Ignácio.

Tinha aquella aldeia mais de mil almas; enquanto não tinham a igreja, se os ensinavam a doutrina em a casa e acudiam a ella grandes e pequenos de muito grande vontade e como não tinham costume de ver brancos em suas aldeias estavam todos attonitos em vê-los, se fôra cousa vinda do céu e quando saham de casa, todos como saham as casas para vel-os, grandes e alguns pequenos perguntavam se os padres era gente com quem se podia conversar e habitar.

Para confirmar-se mais o Surubi nas pazes, enviou um irmão seu com alguns índios a ver o governador e nossas igrejas; foram bem recebidos e o governador os andou dar de vestir e algumas ferramentas. Foram todos mui contentes, vendo o conceito que tinham os christãos de nossas aldeias. (2) Depois de deixar o Padre quietos e animados os desta aldeia de S. Ignácio, passou a visitar as demais aldeias, bem contra vontade de Surubi, porque dizia ao Padre: antes que, nos fartes nos deixa! mais tempo estiveste na aldeia de S. Thomé de que na minha; mas o Padre consolou-os, dizendo que também era, necessário dar as boas novas do Evangelho as outras gentes. Ao segundo dia da jornada encontraram com uns principaes que os vinham esperar ao carninho, abrindo-lhes os caminhos por onde haviam de passar, porque todos estavam cerrados com as arvores. Foi grande a alegria que tiveram em este encontro, assim os nossos, como os índios e logo repartiram com o Padre o

que traziam, com caridade e fizeram uma choça em que repouzaram esta noite e depois foram a sua aldeia onde foram recebidos de toda gente com tão grandes mostras de amor, como se fora muito tempo que os conversaram; e ahí esteve o Padre alguns dias ensinando-lhes as cousas de sua salvação. Dahí passou a outras aldeias, em algumas foi mui bem recebido, em outras não os faziam bom rosto, temendo que os iam ajuntar para seu mal e assim diziam porque estavam muito escandalizados dos tempos passados, em que os brancos os tinham feito grandes danos.

Uns se queixavam que os haviam tomado suas mulheres, outros seus filhos; o Padre respondia que ao passado não sabiam dar remedio que também elles tinham morto muitos brancos, mas que si elles queriam ser christãos e amigos dos brancos que tivessem por certo que não seriam aggravados.

O primeiro que fazia em entrando em uma aldeia, era visitar si havia alguns enfermos em extrema necessidade, preparando-lhes o Padre a virtude do santo baptismo e as penas do inferno, que estão guardadas para os não baptizados, expurgando-os de seus feiticeiros; claramente respondiam, não queriam ser baptizados, que não temiam o fogo do inferno. Então tornou o padre um tição e o pos juncto do enfermo, dizendo: não temos arder com este fogo? Mas nem isto bastou!

Assim morreram, parece que já ao demônio estavam entregues aquellas almas, mas o Padre ficou com muita dôr de ver sua perdição.

Em uma aldeia um principal estrangeiro começou a fallar contra os Padres, dizendo que os havia de quebrar a cabeça que não tinha que ver com os brancos. Alguns dos índios que iam com os padres estavam aterrorizados. O Padre fallou com o senhor da aldeia e perguntou-lhe se estavam alli seguros, respondeu-lhe: bem podeis dormir com sonno de pousado, que não haverá em minha aldeia quem se atreva a fazer-te mal e pois entrastes em minha casa; onde morreres tu, eu morrerei com a minha gente; folgo muito de ver-te, porque ha muito tempo te conheço por fama e que não dizias senão muito bem.

Outro dia mandou Deus o coração ao outro principal e foi a visitar os padres e deu mostras que o presava do que tinha dito e

pedio ao padre que fosse também a sua aldeia, mas os índios os aconselharam que não se fiasse nelle.

Desejando o padre ir visitar outra aldeia que é postera de todas, em busca de um principal, que tinha prometido de vir a igreja de S. Thomé, mas o demônio o tinha já outra vez pervertido e estava com mais desejo de comer o padre, do que de se fazer christão; mas foi N. S. servido de dar aviso ao padre disto e foi desta maneira; um índio daquella aldeia enviou um filho seu ao padre muito depressa, já de noite, dizendo que de nenhuma maneira entrasse na aldeia; porque o principal estava determinado de quebrar-lhe a cabeça, e que para isso tinha já se reunido com elle, e o padre ainda que quisesse com tudo isto passar, os índios não só o consentiriam, mas antes de algumas aldeias comarcans veriam alguns para defender o padre e tudo foi necessário porque haviam já enviado índios a tomar-lhes os caminhos, mas seguramente os passaram livrando-os Deus de todos os perigos e dando a volta para a aldeia de S. Ignacio trouxeram gente de duas ou três aldeias, para ajuntal-os em uma Igreja juncto do mar, e assim o fizeram com muita alegria dos índios e logo levantaram uma cruz e fizeram uma igreja da invocação de S. Paulo, porque chegaram véspera de S. Pedro e S. Paulo, e o dia disseram missa e ensinaram a doutrina e pregaram. (3)

Ficaram os índios muito consolados e fazendo já as casas para sua habitação; mas como era necessário acudir o padre as outras aldeias, estava pouco tempo com elles, que causou nelles não pouca tristeza; mas o padre consolou-os, dizendo que procurava acudir a todas as partes e assim resolve a visitar as outras igrejas, e foi recebido de todos com grande caridade e alguns pediram o santo baptismo.

Na aldeia de S. Thomé baptisam outra índia, estando já a morrer, e assim que quando o padre lhe falava, mostrava pouca vontade disto,



Benedito Calixto, *Anchieta e Nóbrega na Cabana de Pindobuçu*, Coleção João Calixto

Anchieta e Nóbrega na Cabana de Pindobuçu, de Benedito Calixto (Fonte: <http://www.palma1.no.sapo.pt>).

parecendo-lhe que só se baptisasse logo havia de morrer que lhes ensinava o demônio, porque como os Padres agora não baptisavam senão aos que estavam à morte, pareceu-lhe que em baptisando-se logo havia de morrer. Mas outro dia visitando-a elle padre e dizendo-lhe que se não queria o inferno era necessário batisar-se, ella disse que o desejava muito, que o dia antes quando soltou algumas palavras foi porque não estava em seu entendimento e assim depois de bem instruída, a baptizou o padre e assim dahi a tres dias foi gosar de seu creador e enterraram-na na porta da igreja com a solennidade que se costuma em nestas aldeias e ficaram todos admirados de vel-o. Vieram alguns índios de outras aldeias a falar com o padre e a pedir-lhe para fazer-lhes igrejas em suas terras, especialmente um, que antes havia ameaçado os padres, veio tão manso como um cordeiro, dizendo que só o padre era seu irmão e



Construção de uma igreja pelos índios (Fonte: <http://www.ipahb.com.br>).

o padre perguntou-lhe qual era sua determinação elle respondeu-lhe que era cousa tão importante, que não era bom determinar-lhe de baixa de casa alheia, que fosse a sua aldeia que se lhe diria. Prometeu-lhe o padre de ir a ella e assim o fez dahi a poucos dias. Estava, tres léguas de S. Thomé, foram de todos recebidos com grande louvor e depois ele haver o padre fallado, responderam que faziam o que elle

quisesse e que passariam a aldeias onde o senhor (?) mandasse e assim a passaram junto do mar para poder ser melhor visitada. Dahi foi o padre onde estava o capitão a confessar alguns homens brancos onde também se fez muito serviço a Deus apartando-os de muitos pecados e fazendo-os pedir perdão do escândalo que o haviam dado.

Vendo como nosso senhor punha os olhos na gente de Marial pareceu necessário prover de mais obreiros e pelo padre Luiz de Gran que tinha muita experiência na conversão destes índios e ser de todos muito conhecido e amado, pareceu serviço de Deus pôr-lhe nas mãos esta em-

presa, a qual aceitou com grande caridade e desejos de padecer muitos trabalhos por amor de Deus e assim foi por este caminho obra de quarenta a cinquenta léguas, levando por companheiro o irmão Francisco Pinto, língua, e como ser já o padre velho de mais de cincoenta annos, sempre foi a pé e muitas vezes descalço pelo caminho. Não soffrer outra cousa e senão que um homem honrado que ia em sua companhia lhe offerencia sua cavalgadura de muito boa vontade nunca quiz aceitar. Escusava, dizendo que ia em peregrinação a S. Ignácio. Mas dava-lhe também esforço que no caminho pelos trabalhos, parecia um mancebo de vinte annos.

Sabendo que os índios da aldeia de S. Thomé, que ia o padre visital-os, sahiu muita gente ao caminho a recebel-o, levando algum refresco, conforme sua pobreza, para que os que iam em sua companhia tinham a casa onde haviam de passar, enramada e com alguns arcos, e a alegria que o padre Gaspar Lourenso e seu companheiro foi mui grande, porque viam já com seos olhos o que desejavam. Entraram todos com o padre na igreja e animando-os a perseverar no bem começado. Logo trouxeram allí todas suas e a um que era cousa pouca, a caridade com que trazia era muito. Vieram também logo das outras aldeias comarcans a visitar o padre dizendo que se queriam ajuntar e ter igrejas, a todos consolo



Índios recebendo jesuítas. (Fonte: <http://www.cervantesvirtual.com>).

lou o padre, dando-lhes esperança que os iria visitar prestes e assim me escreveu, que todos daquela comarca se resolvem a fazer igrejas. Deus por sua infinita bondade os dê perseverança no bem começado e mande obreiros para tanta messe. Isto é o que até aqui aconteceu no rio Real.

Neste colégio da Bahia, 7 de Setembro de 1575.

Indigno filho de V P.

NOTAS SOBRE A TERCEIRA PARTE DA CARTA DE TOLOSA

(1) Lourenço encerrou a conversão da aldeia de S. Thomé e passou a visitar as aldeias comarcans. Direciona-se mais ao norte do Estado em direção ao rio São Francisco. O trecho da carta revela as dificuldades enfrentadas pelos missionários ao se dirigir para nova área da catequese. As dificuldades apresentadas foram: montanhas com penhascos, ervas que cortavam as pernas, muita água gerando atoleiros, falta de mantimento.

(2) A nova missão estava localizada nas terras do “principal” Surubi, situada a dez ou doze léguas de S. Thomé. Inicialmente Surubi fora apresentado como um selvagem que poderia matar o padre. Mas, em seguida, ele aparece como um bom anfitrião, conjuntamente com toda a tribo. Esta imagem do principal e da aldeia que recebem os missionários é mais um sutil esforço de Toloza em propagandar o sucesso da missão dos jesuítas nas terras de Sergipe. Note que os missionários passam a ser vistos como perseguidores do seu ideal e, sobretudo, destemidos ao chegar às terras do temido Surubi. Observe atentamente o contentamento do escritor com essa etapa da missão de Lourenço.

(3) A missão prossegue em outras aldeias. Segundo Toloza, em algumas foram bem acolhidos e em outras “não fizeram bom rosto”. As cenas de resistências se multiplicaram. Os missionários receberam notícias de que alguns principais poderiam ‘quebra sua cabeça’ caso entrasse na aldeia. Mas, em meio a todo o perigo, os missionários conseguiram construir a terceira igreja da missão: a de S. Pedro.

(4) A missão prossegue. Lourenço retorna a igreja de S. Thomé e também é convidado para fazer outras igrejas em outras aldeias. Diz Toloza que o convite foi feito pelos índios que antes não aceitava a presença dos missionários em suas aldeias. Foram eles, de igual forma, bem recebidos.

CHEGAMOS AO FINAL DA CARTA

A carta termina solicitando mais “obreiros”, quer dizer, mais padres para a “messe”- converter as almas. A carta é encerrada com grande otimismo. Deseja-se a continuidade dos bons trabalhos realizados.

Você deve ter entendido qual foi o objetivo da carta de Tolosa.

Ele relatou o sucesso da missão de Gaspar Lourenço nas aldeias indígenas do rio Real em direção ao rio São Francisco, no ano de 1575. Deixou transparecer que essa missão foi bem sucedida no propósito de levar a doutrina católica, converter almas, fundar igrejas... Em nome da civilização cristã, dos estatutos da Companhia de Jesus e das novas mudanças da Igreja Católica no Concílio de Trento, eles enfrentaram inúmeros obstáculos, dentre eles, a conversão de índios que queriam quebrar seus pescoços e comê-los.

Tolosa parece dizer que a conquista dessa gente não tem outro meio sem ser o das missões, do catecismo, das orações, da oratória e tudo aquilo que concerne à transformação do homem no modo de ser cristão.

A carta revela que os brancos colonizadores não teriam o mesmo sucesso que os missionários, dada a fama que eles tinham de serem “maus”, por escravizarem ou abusarem sexualmente dos índios. Isto reforça que a melhor forma do governo português chegar do rio Real até o São Francisco deveria ser pela missão jesuíta, tal como fez Lourenço.

Assim, inseridos num tempo da colonização portuguesa na América do Sul, os jesuítas parecem justificar a importância da continuidade do seu trabalho. Tal justificativa não nos parece ser feita de forma tranqüila. Esses missionários enfrentavam diversos obstáculos em continuar suas missões naquelas áreas visitadas por Lourenço. Os problemas não eram somente o difícil acesso ao lugar e o perigo de ter o pescoço quebrado e comido pelos considerados selvagens. Os jesuítas enfrentavam outros interesses ligados a expansão da colonização, estava em jogo razões imediatista de lucros

com a expansão da criação de gado. Uma série de conflitos eles irão enfrentar e não estão explícitos na carta de Tolosa.

Mas esse entendimento dos obstáculos enfrentados pelos jesuítas é uma tarefa para as próximas aulas.

Faltamos ainda entender como os índios são vistos pelos portugueses.



ATIVIDADES

Buscar em site confiável da internet e na literatura indicada informações mais detalhada.

CONCLUSÃO

Das questões históricas brasileiras que se debate até os nossos dias, uma diz respeito ao modo de atuação dos jesuítas no seu movimento de catequese no Brasil. Detendo-nos na análise de Gaspar Lourenço, em Sergipe, tem-se a clara impressão de que havia um projeto de salvar almas para o Reino de Deus, que era da Igreja Católica. Portanto, pela analogia deste documento (Carta de Tolosa), não há indícios de que os missionários cooptavam os índios para facilitar a ação genocida dos conquistadores.

RESUMO



Caro aluno ou querida aluna: é impressionante avaliar o ânimo desses missionários, desde a sua partida de Lisboa, navegando em navios precários, com destino a uma terra selvagem e distante. Dois meses enfrentando mares bravios e depois a entrada nas matas da Bahia e Sergipe, habitadas por um povo já ressabiado, desconfiado com a atuação perversa dos conquistadores que antecederam aos padres. Os índios eram um povo que tinha outra cultura, outra língua, outros deuses. Com o passar do tempo, no choque de culturas, prevaleceu mais uma vez a do mais forte, a força dos fuzis e canhões contra a dos arcos, flechas e tacapes. Mas, ficou a lição de Lourenço e de suas andanças pelas matas, superando alagados, animais perigosos, intempéries, doenças e, pior que tudo, jogos de interesses e de incertezas de reis e papas.

REFERÊNCIAS

- BANGERT, W. **História da Companhia de Jesus**, Braga, A.O. e Eds. Loyola, 1985.
- BOURDON, Albert Alain. **História de Portugal**, Coimbra: Livraria Almedina, 1973,
- BEZERRA, Felte. **Investigações histórico-geográficas**. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1952. Coleção REX.
- BRANDÃO, Elena H. Nagamne. Catequese e colonização no discurso jesuítico. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de. (Org.) **Os discursos do descobrimento**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista; FAPESP, 2000.
- FRANCO, Emmanuel. **A colonização da Capitania de Sergipe Del Rei**. Aracaju: J. Andrade, 1999.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil – Colonial (1550-1800)**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes Históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 10.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil. Historiografia colonial**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. p. 256.

RODRIGUES, Francisco **A Companhia de Jesus em Portugal e nas Missões. Esboço histórico – Superiores – Colégios, 1540-1934**. 2 ed., Edições do Apostolado da Imprensa, Porto, 1935

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. **Revista Brasileira de História**. Tempos do Sagrado. São Paulo, 2002. v. 22, n. 43, p. 12.

LIMA, Jackon da Silva. **Os estudos antropológicos, etnográficos e folclóricos em Sergipe**. Aracaju: Governo de Sergipe. /SEC. 1984. P. 33-34.

NIZZA, Maria Beatriz da (Org.). **De Cabral a Pedro I: aspectos da colonização portuguesa no Brasil**. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique, 2001.

PRADO, Ivo do. **A Capitania de Sergipe e suas ouvidorias**. Rio de Janeiro: Pap. Brasil, 1919.

FRANÇA, Vera L. A.; CRUZ, Maria Tereza Souxa (coord.) **Atlas Escolar de Sergipe. Espaço geo-histórico e cultural**. João Pessoa: Editora Grafset, 2007. p. 96.